Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus de Arapiraca
Especialização em Alfabetização e Letramento

Paulo Luiz da Silva

A Relação Oralidade e Escrita no Gênero Relato Pessoal no 4º Ano do Ensino Fundamental

Arapiraca
2015

Paulo Luiz da Silva

A Relação Oralidade e Escrita no Gênero Relato Pessoal no 4º Ano do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento do *Campus* de Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo

Arapiraca

2015

Paulo Luiz da Silva

A relação oralidade e escrita no gênero relato pessoal no 4º ano do ensino fundamental

Artigo referente ao trabalho de conclusão do curso de Especialização em Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* de Arapiraca.

Data da aprovação: 28/ 08/ 2015.

Banca Examinadora

Deywid Wagner de Melo

Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus de Arapiraca
Orientador

Elias André da Silva

Prof. Dr. Elias André da Silva
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus de Arapiraca
Examinador

Profa. Dra. Luciana Lucente
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus de Arapiraca
Examinadora

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a oportunidade da vida e saúde para me dedicar aos meus estudos.

Ao meu orientador professor Dr. Deywid Wagner de Melo, pela incansável disponibilidade em me orientar.

Aos meus colegas de curso, pelas tantas discussões muitas vezes acaloradas, mas sempre e não poderia ser diferente, com muito respeito.

Obrigado a todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para que essa etapa de formação acontecesse.

A leitura traz ao homem plenitude; o discurso, segurança e; a escrita, precisão.

(Francis Bacon)

A RELAÇÃO ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO RELATO PESSOAL NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL[1]

Paulo Luiz da Silva (UFAL)[2]

Orientação: Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo (UFAL)[3]

RESUMO: Este trabalho é um estudo da relação da oralidade e escrita no gênero relato pessoal no 4º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de Alagoas. Tem como objetivo analisar como se dá essa relação no processo de produção, em sala de aula, do gênero em pauta. Fundamenta-se em Marcuschi (2003, 2008), Rojo (2006), Koch e Elias (2009), Franco (2005), dentre outros. É uma pesquisa de cunho qualitativo, mais especificamente de caráter interventivo, uma vez que possibilita uma visão mais aprofundada a respeito da importância de se considerar a origem de determinado fenômeno a ser investigado. Após as análises, pudemos observar as características próprias tanto da oralidade, como as da escrita, mas que se relacionam naturalmente durante o processo comunicativo, além das características socioculturais do gênero relato pessoal, pois todos os elementos envolvidos numa situação comunicativa são valiosos para transformar a natureza inerente ao sujeito para que possa garantir sua efetiva participação nos eventos comunicativos e inserção social.

Palavras-chave: Oralidade e escrita, Ensino Fundamental, Gênero relato pessoal.

Considerações Iniciais

Nesse trabalho, apresentamos um estudo realizado em torno da relação entre oralidade e escrita, modalidades linguísticas que são inerentes aos sujeitos em todas as situações de comunicação, tendo como foco o gênero relato pessoal produzido por alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de Alagoas. Com esse estudo, buscamos analisar como a linguagem oral está presente durante o processo de aquisição da linguagem escrita, apresentando, assim, uma interdependência, possibilitando as mais diversas práticas comunicativas.

Em torno dessa discussão, também analisamos meios pelos quais oralidade e escrita circulam atualmente, considerando além das condições e usos dessas duas modalidades

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

[2] Estudante da Especialização em Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *Campus* de Arapiraca e Prof. da Rede Municipal de Ensino da cidade de Limoeiro de Anadia/AL.

[3] Prof. Adjunto do Curso de Letras do *Campus* de Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Doutor em Letras e Linguística pela UFAL.

linguísticas, características socioculturais dos sujeitos envolvidos em todo processo comunicativo do gênero em análise. Nesse sentido, entendemos que essa capacidade de coexistência entre linguagem oral e linguagem escrita permite ao sujeito, além da prática comunicativa, uma reflexão ampla a respeito dos usos que se fazem delas, nos mais diversos contextos do cotidiano.

Durante os estudos em torno dessa questão, entendemos que é evidente a relação entre essas duas modalidades linguísticas, pois uma não teria o mesmo significado sem a existência da outra, assim, podemos considerar natural a presença de características próprias da fala, nas produções de textos escritos.

As possibilidades apresentadas pelo uso adequado que se faz da linguagem nas diversas situações comunicativas, permite ao sujeito exercer com autonomia seu efetivo papel como cidadão. Nesse sentido, a competência adquirida durante as situações de construção e reconstrução de conceitos linguísticos, planejadas e executadas por meio da oralidade ou da escrita, garantem a esse sujeito, sua efetiva participação nos eventos de comunicação.

Buscamos explorar conhecimentos trazidos pela criança, conscientes de que são muitos os meios pelos quais ela tem acesso a estes, mas é na escola que adquirem bases sólidas para a construção e reconstrução das habilidades comunicativas. Entendemos que o ato de relatar é uma atividade que ocorre em todos os espaços da sociedade, é desenvolvida inclusive sem planejamento nas rotinas de comunicações diárias, mas é na escola que ela acontece de forma planejada, com objetivos a serem alcançados. Nesse caso, as habilidades linguísticas adquiridas fora do contexto escolar são utilizadas como ponto de partida para a aprendizagem da língua escrita.

Esse artigo está dividido em quatro tópicos assim dispostos: a oralidade e o processo de escrita; a produção de textos orais e escritos; o gênero relato pessoal e a metodologia da pesquisa, além das considerações finais, acompanhado das referências e anexo.

1. A oralidade e o processo de escrita

A influência da oralidade no processo de escrita é uma temática que vem sendo discutida há algumas décadas. Autores como Marcuschi (2003, 2008), Rojo (2006), Koch e Elias (2009), dentre outros, buscam, por diversos ângulos, mostrar que essas duas modalidades linguísticas coexistem sob condições de complementos, não de distanciamentos, pois, como afirma Marcuschi (2003), as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do

continum tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Sobre essa questão, apreciaremos o que o autor diz:

> Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante (p. 17).

Podemos assim perceber que oralidade e escrita se adéquam às condições e usos da língua, fornecendo possibilidades de produção, bem como de entendimento no processo comunicativo, favorecendo as relações entre os falantes dessa língua. Essa capacidade de coexistência entre duas modalidades linguísticas nos permite pensar na língua como uma ferramenta de aproximação entre culturas, o que torna a sua natureza ainda mais ampla e variada.

Portanto, essa relação entre língua falada e língua escrita tornou-se objeto de estudo, ultrapassando não apenas as paredes das instituições de ensino, mas qualquer fronteira que possa existir entre a ideologia de uma linguagem padrão e o uso dessa língua no contexto social. Ao que se refere a "marcas da oralidade na escrita", Koch e Elias (2009, p, 18) fazem a seguinte afirmação:

> Ora, a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita, precisa adequar-se às exigências desta, o que não é tarefa fácil. É por essa razão que seus textos apresentam eivados de marcas da oralidade, que aos poucos, deverão ser eliminadas.

Esse domínio da língua falada apresentado pelo aluno ao chegar à escola se dá de forma muito peculiar. Isso ocorre porque o meio no qual ele habita, seja em casa, no grupo de amigos, na igreja, ou em qualquer outro espaço, com exceção da escola, não lhe exige nenhuma regra gramatical ou de concordância; pelo contrário, o contato com falantes de mesma língua e faixa etária dispensa qualquer formalidade, cujo objetivo maior é a comunicação, é o entendimento entre locutor e interlocutor. Assim, o ato comunicativo é planejado e refletido sob as condições de usos que o espaço lhe oferece.

Entretanto, sabemos que "a linguagem oral não consiste apenas em memorizar sons e palavras. A aprendizagem da fala pelas crianças não se dá de forma desarticulada com a reflexão, o pensamento, a explicitação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos" (LIMA,

2015, p.154), nesse sentido a linguagem oral é adquirida pela criança a partir de um processo complexo que envolve todos esses fatores, pois “adquirido o conhecimento de como funciona o texto falado, o aluno terá condições não apenas de se apropriar de gêneros orais para um bom desempenho como falante” (CRESCITELLI, REIS, 2014, p. 34), mas também adquire competências que o torna capaz de planejar e refletir suas produções escritas, tornando-se assim, um fluente produtor dessas duas modalidades linguísticas nas mais diversas situações comunicativas.

Nessa perspectiva, tanto a fala quanto a escrita necessitam de planejamento e reflexão, para que possam ter significado, considerando todos os elementos envolvidos nesses processos.

Importante destacar que essa necessidade de planejar e refletir a fala e/ou a escrita independe do ambiente ou do meio utilizado, considerando-a um fenômeno que não ocorre apenas com a criança, em seu primeiro contato com a escola, mas com todo sujeito que necessita se apropriar de uma linguagem diferente da qual está habituado a usar, seja oral ou escrita. Observa-se que, enquanto criança, o aprendiz de qualquer modalidade linguística precisa ter um acompanhamento mais próximo, uma vez que é nessa fase de aquisição de linguagens quando os conceitos são formados e transformados, podendo, assim, contribuir para a formação de leitores e produtores textuais proficientes. Ainda sobre essa questão, Koch e Elias (2009, p, 18) ressaltam que

> Na fase inicial de aquisição da escrita, a criança transpõe para o texto escrito os procedimentos que está habituada a usar em sua fala. Isto é, continua a empregar em suas produções os recursos próprios da língua falada. Somente com o tempo e com a intervenção contínua e paciente do professor é que vai construir seu modelo de texto escrito.

Sendo assim, fica clara a evidência da relação entre fala e escrita. Pode-se considerar natural o uso de características próprias da fala, nas produções de textos escritos. Entretanto, sabe-se da importância do acompanhamento e da “intervenção contínua e paciente do professor” no processo pelo qual a criança passa a compreender as diferenças entre essas duas modalidades linguísticas. Dessa forma, apropriando-se dessa competência, a criança passa a construir seus próprios conceitos, buscando superar suas limitações de produção escrita, sem ignorar suas habilidades orais que tanto faz uso em seu meio social. Reforçando a importância da participação do professor nesse processo, as autoras afirmam que

> Cabe, pois, ao professor conscientizar o aluno das peculiaridades da situação de produção escrita e das exigências e recursos que lhe são próprios. Isto é, quando da aquisição da escrita, a criança necessita ir, aos poucos, conscientizando-se dos recursos que são prototípicos da oralidade e perceber que, por vezes, não são adequados ao texto escrito. É claro que isso não acontece de um momento para outro, levando, por vezes, anos a fio. (p.18)

A participação do professor nesse processo é fundamental, uma vez que é de sua competência oferecer caminhos para que o aluno possa progredir na construção do conhecimento, em relação à aquisição da escrita. Faz-se necessário, entretanto, que o professor faça uso de diversas maneiras de produções, com recursos variados como: conversas e relatos gravados; transcrição de textos orais; comparação entre textos orais e textos escritos, entre outros. Dessa maneira, o aluno tem condições de "refletir" sobre suas produções, podendo, assim, reconstruir seus conceitos sobre as modalidades orais e escritas, ampliando sua capacidade de manejo linguístico nas diversas situações de comunicação.

Essa capacidade de reflexão permite ao aluno entender que oralidade e escrita não se representam minuciosamente, que ambas possuem elementos próprios e estruturas diversas. É função do professor também acompanhar esse processo bem de perto, auxiliando o aluno em seu desenvolvimento contínuo, mas que por vezes ocorre de forma muito lenta.

Consideraremos aqui o processo de aquisição da escrita uma prática cotidiana, reflexiva, na qual sua apropriação se dá na construção e reconstrução de conceitos, no contato direto com diversos gêneros escritos e na interação entre os envolvidos nesse processo, ou seja, entre professor e alunos. Entretanto, o professor tem a responsabilidade de ser o facilitador dessa construção, possibilitando o aluno às condições necessárias para adquirir a sua competência em relação à produção escrita. A respeito disso, diz Rojo (2006, p. 23):

> A partir do momento em que, com a invenção da imprensa, o autor e o escriba; a grafia e o texto; a escrita e o escrito fundiram-se e confundiram-se, as relações entre esses elementos (a fala, a escrita e os textos falados ou escritos) também se tornaram complexas exigindo um maior refinamento de análise, nem sempre encontrado quando se fala da escrita e de seu processo de apropriação pelo aprendiz, na relação com a oralidade.

O que não significa dizer que oralidade e escrita sejam modalidades dicotômicas, uma vez que ambas possuem características próprias, mas também possuem características em comum. Vamos considerar o surgimento da "imprensa" uma ferramenta que veio para estimular ainda mais a reflexão a respeito da relação entre essas duas modalidades

linguísticas. Quando a autora cita os “elementos” que compõem as relações de produção oral e escrita, também atenta para uma “análise” mais refinada sobre esse processo.

Ainda sobre essa questão, Schneuwly (2005, apud, Rojo, 2006, p. 40) fala que

> [...] a relação entre gêneros orais e gêneros escritos não é uma relação de dicotomia. É antes uma relação de continuidade e de efeito mútuo, isto é, gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral. Então, de uma certa maneira, esta é uma distinção relativamente artificial, pois há um entrelaçamento contínuo.

Podemos assim entender que essa relação entre gêneros falados e gêneros escritos se constrói não apenas no âmbito do ambiente escolar, mas na dinâmica de toda e qualquer situação de comunicação, envolvendo falantes de uma língua, pois como diz Fávero, Andrade e Aquino (2014, p.18), “a situação de comunicação permite dizer que não existe oposição entre língua falada e escrita, dado que a distinção resulta de combinações dos elementos descritos nessa comunicação”.

Portanto, não se pode considerar que a escrita seja a representação gráfica da fala, nem que a fala seja a representação oral da escrita. Mas entendemos que a oralidade e a escrita se complementam, fluindo, assim, uma importante interação nas diversas situações de comunicação. Não se pode imaginar uma sociedade na qual apenas uma dessas modalidades linguísticas seja utilizada, uma vez que tanto uma quanto a outra tem sua indispensável contribuição no processo de construção e reconstrução dessas sociedades. Para entendermos melhor essa questão, observaremos o que Marcuschi (2003, p. 42) diz a respeito:

> O contínuo tipológico dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

Portanto, considerando essa relação de “contínuo tipológico”, entendemos que os gêneros textuais se realizam tanto na modalidade oral quanto escrita, abrangendo os mais diversos meios de comunicação, produção e discurso. Assim, complementando-se de várias maneiras para que o processo comunicativo aconteça de forma fluente e o mais abrangente possível.

Nesse sentido, é fundamental a compreensão de todos os elementos que envolvem as diversas situações comunicativas, dentre elas: o que; como; quem e para quem se fala ou se escreve. Refletindo essas situações, podemos adequar nossas ações aos mais variados meios, garantido e tornando a comunicação mais contempladora e eficiente. Dessa forma, o objetivo principal da linguagem, seja oral ou escrita, acontece independente das variações, pois são exatamente essas variações que possibilitam a amplitude de quaisquer sistemas linguísticos.

2. A produção de textos orais e escritos

A todo tempo, o ser humano está em processo de produção textual, seja oral, escrito ou de outra modalidade. Isso ocorre pela necessidade vital de comunicação entre esses falantes que buscam incessantemente a aproximação por meio da linguagem. Independente do idioma falado, em qualquer sociedade, pode-se perceber a oralidade como uma modalidade mais acessível à grande maioria da população, sendo considerada inclusive uma das práticas de "letramentos sociais que surgem e se desenvolvem a margem da escola, não precisando por isso serem depreciados" (MARCUSCHI, 2003, p.19), considerando nesse caso, a oralidade um recurso de comunicação de domínio popular, já usado pelo sujeito, antes mesmo de se apropriar da língua escrita. Sobre essa questão, os (PCNs, 1997, p. 49) ressaltam que "a capacidade de comunicação oral que as crianças chegam à escola foi adquirida em contextos informais, coloquiais e principalmente familiares, mesmo que, de certa forma, muitas dessas situações sejam vivenciadas também no espaço escolar", nesse sentido, essa condição torna a linguagem oral ainda mais peculiar, por ser produto dos mais diversos meios sociais.

Com relação à modalidade escrita, a criança só terá acesso a ela, na maioria das vezes, após chegar à escola. Em casos raros, o contato com a escrita se dá fora do contexto escolar. No entanto, é no contexto escolar, onde fala e escrita se misturam com funções planejadas no ato da produção textual. Essa produção acontece ou deveria acontecer de forma natural, uma vez que os sujeitos envolvidos nesse processo já trazem em sua bagagem, além da capacidade de produção oral, o desejo e também a necessidade de se apropriar da modalidade escrita. Sobre isso, Marcuschi (2003, p. 18) diz que

> A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e desocialização. Por outro lado, a

> escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola.

É com essa maneira natural, pela qual a oralidade passa a ser adquirida pelo sujeito, que o torna reprodutor de habilidades comunicativas próprias do meio em que vive, assim, sendo comum a prática de variações linguísticas de determinados grupos sociais. Nessas condições, o sujeito reproduz, em suas produções escritas, as mesmas marcas situadas na fala, considerando seu peso histórico e sociocultural, pois é comum encontrarmos gêneros escritos com características próprias da oralidade, uma vez que esses textos produzidos no dia a dia servem como base para a aquisição da linguagem escrita. Dentre essas características, as mais marcantes são as repetições de expressões como: “aí fui”; “depois fui”; “e depois”; “eu fui eu fui”; dentre outras. Essas marcas da oralidade se tornam recorrentes na maioria das produções escritas.

Hoje, também contamos com outras modalidades textuais, os ditos multimodais. Essa modalidade utiliza características tanto da fala, quanto da escrita, além de outros elementos. São textos, constituídos por diversos recursos, apresentando várias possibilidades de usos e aplicações de habilidades e competências, exigindo dos interlocutores certo grau de letramento, não apenas o de fazer o tão falado “uso social da escrita”, como também fazer uso dos recursos digitais, nos eventos de comunicação através das redes sociais. Sobre essa questão, Rojo (2006, p. 50) fala:

> Encarar as relações entre escritos, falas e outras linguagens de forma dinâmica e mutuamente relacionada pode nos levar a preparar os alunos, em nossas aulas, de maneira mais adequada para as práticas de leitura, escrita e oralidade dos letramentos múltiplos e multimodais, tão relevantes hoje para o exercício da cidadania e para as práticas culturais no mundo contemporâneo.

Considerando o que fala a autora, além do que já foi discutido anteriormente, pensar a relação entre as diversas modalidades textuais é imprescindível para que se possa oferecer ao aluno as tantas possibilidades de construção e reconstrução dos conceitos básicos nas produções de textos orais, escritos e multimodais. Essa relação entre tantas modalidades linguísticas nos possibilita uma reflexão a respeito da importância de se analisarem as necessidades de comunicação entre os falantes de uma língua, tendo como objeto principal de estudo a cultura da fala e da escrita, uma vez que as demais possibilidades de interação social têm como base sustentável entre os interlocutores essas duas capacidades comunicativas. Sobre essa questão, analisaremos o que fala a autora:

> Atualmente, não podemos dizer que a fala é não permanente e fugaz, pois podemos gravar ou digitalizar nossa voz, e não podemos dizer que a escrita é permanente e se inscreve, pois se esquecermos de gravar os arquivos de texto que estamos escrevendo, perdemos tudo. Mudaram os meios de preservação de fala e de escrita, que, hoje, vão além de traços grafados num suporte (ROJO, 2006, p. 33-34).

É importante lembrar que as práticas orais e escritas hoje não estão relacionadas apenas à apropriação das habilidades linguísticas dessas duas modalidades. Precisa-se considerar, além de outros fatores, o meio pelo qual estão se efetuando essas práticas no cotidiano. A fala e a escrita, atualmente, estão mais dinâmicas e interativas, pois os recursos utilizados nessa interação favorecem essa condição de dinamismo e interatividade, possibilitando inclusive a presença de caracteres não utilizados nas práticas orais e escritas convencionais. A autora ainda fala respeito:

> (...) não podemos dizer que a fala é face-a-face e a escrita é à distância, pois temos hoje conversas telefônicas, assim como torpedos; notícias na TV, assim como bate-papo no computador. Os meios mudaram. Por isso mesmo, também não podemos dizer que a fala é expressão unicamente sonora, pois a TV combina, num telejornal, por exemplo, fala do âncora, imagens estáticas ou em movimento e escrita nas legendas, assim como acontece no jornal escrito impresso ou digital (ROJO, 2006, p. 34).

Considerando o que está posto pela autora, assim como tudo o que já foi discutido anteriormente sobre a produção de textos orais e escritos, podemos analisar a relação entre essas duas modalidades linguísticas como extremamente necessárias e importantes para o processo comunicativo. Essa relação também possibilita a apropriação do uso de recursos tecnológicos, uma vez que tanto a fala quanto a escrita são usadas nos mais diversos meios de comunicação, sendo a elas anexadas as mais variadas formas de expressões. Estas, hoje, inseparáveis das situações de comunicação, pois os interlocutores envolvidos nesse processo utilizam uma grande variedade de recursos ilustrativos que antes não os utilizavam.

3. O gênero relato pessoal em contexto de sala de aula

Em se tratando do conceito de gênero, recorremos a Marcuschi (2003) que faz uma abordagem ampla a respeito do assunto, considerando, inclusive, os aspectos históricos e culturais que os cercam. No entanto, nessa oportunidade, queremos enfatizar exclusivamente sua definição quanto a sua constituição e funcionalidade comunicativa.

A definição de gênero textual é uma questão frequentemente abordada nas escolas entre os professores durante as reuniões pedagógicas, mas ainda apresenta alguns pontos obscuros a serem discutidos. Alguns colegas ainda consideram que os gêneros se apresentam de forma isolada, sem possibilidades de interação entre si, ou seja, sem levar em consideração os elementos intertextuais, pois muitos professores apresentam, ainda, carência quanto ao estudo dos gêneros. Sobre a conceituação de gênero:

> Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações, constituindo em princípio listagens em aberto. [...] Os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Ao analisarmos o que o autor apresenta em relação aos gêneros textuais, podemos ampliar nossa visão a respeito da importância desse entendimento, para uma significativa compreensão da prática comunicativa, tendo como base a definição clara dos mais diversos gêneros textuais presentes nas práticas diárias de comunicação. Essa capacidade de entendimento nos permite crer no caráter flexível dos gêneros, especialmente, naqueles que estão presentes em nosso cotidiano, adequando-se às diversas situações de comunicação.

O relato pessoal é um gênero textual não ficcional em que o autor narra uma experiência de vida (KOCHE, MARINELLO, BOFF, 2012, p. 35). Ao analisarmos essa breve afirmação das autoras em relação ao gênero relato pessoal, refletiremos dentre outras questões, sobre as nossas práticas de produções diárias, muitas vezes despercebidas, mas que são bastante relevantes para o entendimento de como se dá o processo de produção oral e escrita do gênero citado. Ao contarmos um fato, uma experiência que vivemos, estamos produzindo um texto que faz parte dos gêneros do narrar. Essa capacidade de produção textual permite-nos organizar oralmente nossas ideias, para que, ao escrever, o façamos de forma mais segura e eficiente.

> O relato é escrito, geralmente, na primeira pessoa do discurso, pois o narrador participa dos fatos que relata como personagem principal ou secundária, e, neste caso, conta o que observou. Na maioria das vezes, o narrador constrói o texto com verbos no pretérito perfeito do indicativo. Porém, há relatos em que faz uso do presente histórico, ou seja, narra fatos do passado, valendo-se do presente do indicativo. (KOCHE, MARINELLO, BOFF, 2012, p. 35).

Essas características próprias do relato pessoal permitem uma reflexão a respeito da nossa prática enquanto professores, orientadores e mediadores do processo de aquisição da língua escrita. Muitas vezes, servimos como espelho para nossos alunos e a maneira como nos comunicamos também é muito observada por eles, a nossa oralidade, principalmente, é bem vista, pois somos professores e acredita-se equivocadamente que o professor é detentor da sabedoria plena. Sabemos que não é bem assim, entretanto, devemos nos policiar constantemente, para que não cometamos falhas perceptíveis, em especial, em nossa fala.

Quanto à participação dos alunos nesse processo, observamos que chegam à escola com marcas muito fortes da oralidade local. Essas marcas são facilmente percebidas quando são chamados a participar da aula com sua fala, pois é nessa hora que podemos observar as habilidades linguísticas de cada um, e verificamos que o nível de dificuldade aumenta à medida em que menos estímulo a criança recebe do meio em que vive. Essa dificuldade, muitas vezes, atrapalha inclusive o processo de socialização, uma vez que, em algumas situações, a criança sofre constrangimentos por apresentar características próprias da fala.

Mais uma vez, a participação do professor se faz indispensável nesse processo. Pois cabe a ele mediar as situações de conflitos ao tempo em que estimula a criança a se expressar e contribuir com a aprendizagem e uso da linguagem oral e escrita. Uma das maneiras mais eficientes de promover esse processo pode ser valorizando o conhecimento prévio do aluno, estimulando a sua participação nas produções orais que, posteriormente, servirão como base para a produção e reprodução de textos escritos.

No gênero relato pessoal, encontramos além das possibilidades de análises de competências linguísticas, uma forma de conhecermos melhor a personalidade de cada criança, sua forma de se expressar, de interagir e até sua capacidade de adquirir e compartilhar novos conhecimentos. E em relação ao conhecimento linguístico em questão, sabemos que são muitos os meios pelo qual a criança tem acesso a estes, mas é na escola que adquirem bases sólidas para a construção e reconstrução dessas habilidades comunicativas. Sobre as habilidades comunicativas da criança, Lima (2015, p. 155) fala que

> Existem algumas situações comunicativas que devem ser propostas pelo professor, pois ajuda a criança a estruturar seu pensamento e adequar a linguagem oral ao contexto e ao interlocutor. O uso mais formal da fala tem que ser trabalhado em situações reais, em que esse tipo de discurso faça sentido. Por isso, desde muito cedo, é importante que a criança participe de situações em que necessite planejar a sua fala vendo-se como produtor de textos orais.

Uma dessas situações é o estímulo ao ato de relatar, pois o gênero relato pessoal é um importante objeto de estudo, considerando ser uma habilidade inerente ao sujeito, mesmo sem que este tenha conhecimento ou domínio da linguagem escrita, pois pode inicialmente ser feito oralmente ou até mesmo por sequências de imagens desenhadas. O ato de relatar é uma atividade que pode e é desenvolvida inclusive no dia a dia, fora do ambiente escolar, mas é na escola que ele deve se dá de forma planejada, com objetivos a serem alcançados.

Ao pedir que uma criança faça um relato de um acontecimento, usando suas habilidades orais, dar-se-á a possibilidade a ela de produzir conforme suas competências linguísticas. Competência esta adquirida no meio em que a criança está inserida, considerando aspectos cognitivos e socioculturais constituídos a partir da vivência e interação com o outro. Daí, através da percepção dessa competência, pode-se orientar, estimular e refletir o planejamento da fala, pensando na adequação desse mesmo texto na modalidade escrita. Normalmente, os primeiros relatos são tímidos, inseguros e não obedecem a alguns critérios básicos, pois, como se trata de um texto narrativo, precisa de uma organização na ordem cronológica dos acontecimentos, o que muitas vezes, de início não acontece, porque a criança atropela algumas etapas, antecipando fatos e tendo que retomá-los mais a diante.

Portanto, esse processo ganha evolução à medida em que a prática do relatar vai sendo estimulada e acompanhada pelo professor, inclusive participando de forma prática e efetiva, expondo também seus relatos orais e escritos para serem apreciados e comparados com os dos alunos. Fazendo, assim, uma análise da ordem dos fatos e das expressões utilizadas nesse gênero textual, pois não há ninguém com maior autoridade para expor seus objetivos, além do próprio autor. Sobre essa questão, Koche, Fogali e Marinello (2012, p. 37) falam:

> Num texto com objetividade, o narrador mostra aos leitores que ele é a personagem mais adequada para expor a versão da história que conta, uma vez que vivenciou ou presenciou os fatos, ou ainda coletou as melhores informações a respeito deles. Além disso, deixa claro o motivo pelo qual quer contar aquela história para aqueles leitores.

Ao analisarmos o que ressaltam as autoras, a respeito dessa objetividade que deve ter o narrador ao contar uma história, um acontecimento, percebemos a importância do ato de planejar a fala como uma ferramenta da linguagem que prepara o espaço da interlocução, pois é nesse espaço entre interlocutores em que acontece o diálogo, independente de se tratar de um relato oral ou escrito.

Entretanto, sendo o narrador a personagem principal de uma história a ser relatada, é importante que o faça da maneira mais coerente e objetiva possível, haja vista que é ele o

próprio a se fazer entender num contexto de informações explícitas ou implícitas, no qual a forma como o relato é feito faz toda diferença. Assim, a importância do ato de relatar com objetividade, se torna ainda mais evidente, pois o ouvinte ou leitor de um relato bem elaborado passa a ser um participante ativo, na medida em que o que se ouve ou se ler prende a atenção e o coloca na condição de interlocutor nesse processo comunicativo.

Nesse sentido, entendemos que o relato pessoal é um fenômeno histórico ligado à vida cultural e social (MARCUSCHI, 2003) do sujeito, no qual este é a personagem principal, de natureza não ficcional, e que relata experiências próprias de vida (KOCHE, MARINELLO, BOFF, 2012), atendendo, assim, a um propósito sociocomunicativo.

Neste trabalho, o gênero relato pessoal é assim entendido, pois os alunos produzem com a finalidade de comunicar fatos que aconteceram em sua vida, compartilhando em sala para os colegas e o professor. Além disso, situa-se, dentro da linha do contínuo tipológico de Marcuschi (2003), como um gênero escrito informal mais próximo da oralidade.

4. A metodologia da pesquisa

A pesquisa utilizada nesse artigo é de abordagem qualitativa, destaca-se por suas características de caráter investigativo aos fenômenos estudados, realizada no convívio com pessoas e fatos. Fundamenta-se na partilha de dados e informações, considerando, além dos sujeitos, todos os outros elementos envolvidos nesse processo investigativo (CHIZZOTTI, 2003). Nesse sentido, esse método de pesquisa possibilita o envolvimento entre pesquisador e pesquisado, consolidando, assim, uma relação mútua de confiança e troca de experiências, durante a pesquisa.

Baseando-se nessa perspectiva, enfocamos a linha da pesquisa-ação[4], que é um dos tipos de pesquisa qualitativa que compõe ampla abordagem teórico-metodológica que nos leva a refletir a respeito de sua essencialidade epistemológica, assim como sobre suas possibilidades investigativas (FRANCO, 2005), possibilitando-nos uma ampla visão a respeito da importância de se considerar a origem de determinado fenômeno a ser investigado, para que dessa forma, possamos planejar e executar as intervenções necessárias.

Esse artigo, que está fundamentado em Marcuschi (2003, 2008), Rojo (2006), Koch e Elias (2009), dentre outros, a respeito das questões de oralidade, escrita e gênero textual, tem como objeto de estudo as produções textuais dos alunos de uma turma de 4º ano do Ensino

[4]Pelo fato de o autor ser docente dos anos iniciais do ensino fundamental na escola em que se realiza essa pesquisa.

Fundamental de uma escola pública da zona rural de um município do Estado de Alagoas, sendo tais produções o material que constitui o *corpus* desta pesquisa.

Não apresentamos hipóteses prévias conforme a natureza da pesquisa, mas temos questões que nos norteiam, quais sejam: Como se dá a relação oralidade e escrita no gênero relato pessoal? Qual a função social e pedagógica do gênero em tela? Como as competências linguísticas dos sujeitos em questão influenciam no processo de comunicação e de sua inserção social? A busca por estas respostas foi o que nos motivou a desenvolver essa referida pesquisa.

Após terem sido observadas fortes e constantes marcas da oralidade nas primeiras produções escritas desses alunos, resolvemos fazer um estudo sobre esse fenômeno, assim, planejamos e optamos, a princípio, por uma pesquisa bibliográfica, sustentada pelos autores acima mencionados, para depois procedermos a algumas ações. Buscamos com essa pesquisa um embasamento teórico para sustentar os questionamentos levantados a respeito desse fenômeno, pois, inicialmente, acredita-se que isso ocorre pela falta de incentivo e baixo valor atribuído à expressão oral e sua influência no processo de aquisição da escrita, quando muitos colegas professores ainda acreditam que a cópia de conteúdos, desarticulada da realidade vivenciada, é que leva o aprendiz a apropriação da linguagem escrita.

Partindo desses conceitos teóricos, planejamos e executamos uma pesquisa-ação, em que procuramos desenvolver ações para análises e compreensão da relação entre oralidade e escrita, suas semelhanças e características próprias, assim como, entendermos o processo de aquisição dessas duas modalidades linguísticas.

Como já foi dito anteriormente, os textos produzidos pelos alunos dessa turma servirão como objetos de estudos para que, através deles, façamos as intervenções. Utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), modelo em anexo, assinado pelos pais dos alunos que nos autorizaram o uso de tais textos, mantendo, obviamente, o anonimato dos referidos alunos. Neste trabalho, foi priorizado o “gênero relato pessoal”, pois além de ser um texto de domínio do aluno, é uma forma de valorizar o que cada um vivencia no seu cotidiano.

As atividades iniciais partiram de observações que fizemos ao pedirmos que os alunos fizessem relatos orais de situações do cotidiano como: brincadeiras, passeios, eventos, ou seja, relatos do dia a dia. Após os relatos orais, pedimos que os alunos escrevessem suas produções. Desse modo, pudemos perceber quais expressões típicas da oralidade são mais recorrentes na produção escrita.

Ao constatarmos o fenômeno das marcas da oralidade na escrita, partimos para a intervenção, participando inclusive dessas produções, inicialmente de forma coletiva e depois,

fazendo também relatos orais e escritos para serem lidos e reescritos em sala. Depois de apresentarmos nossos relatos, como um incentivo de deixar os alunos mais à vontade, fomos trabalhando com os textos deles, obviamente tendo a permissão para isso, assim, semanalmente o texto de um aluno era analisado e reescrito, fazendo-se os ajustes necessários.

Esse processo, que teve início em março deste ano, tem contribuído para uma notável evolução, em relação às habilidades linguísticas dos alunos, considerando a forma como eles se comunicavam, em detrimento da maneira com a qual hoje o fazem, tanto escrita quanto oralmente. Nas amostras que veremos adiante, poderemos analisar e constatar esse fato com mais precisão, além da funcionalidade do gênero em questão.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 20 produções textuais, sendo 10 antes da intervenção e outras 10 após esse processo, considerando haver 10 alunos na turma pesquisada.

A seguir, apresentamos as análises de quatro textos produzidos por dois alunos, em dois momentos da pesquisa. No primeiro momento, apresentamos uma produção desse aluno, antes de qualquer ação interventiva, buscando a compreensão dos fenômenos ocorridos ao longo do gênero relato pessoal. No segundo momento, apresentamos o resultado após as ações mais efetivas da pesquisa, chegando, assim, a algumas inferências.

4.1 Análises

Nessas análises, observamos os relatos pessoais de dois alunos que narram os acontecimentos de domingos, nos quais se colocam como personagens principais da história, narrando os fatos na primeira pessoa do singular. Buscamos refletir as relações entre oralidade e escrita, focando, em especial, as características do gênero relato pessoal, mostrando também que essas duas modalidades linguísticas coexistem, ora com características e objetivos próprios, ora com características e objetivos mútuos

Análise 1:
Primeiro momento. Vejamos a produção:

TEXTO 1

Domingo Passado

01 Domingo passado 29 de março de 2015 eu acordei e
02 fui pro banheiro lá escovei meus dente e depois fui
03 tomar café e depois eu fui assisti o dezenho do Pica
04 Pau quando termino o dezenho eu fui joga com os
05 meus colega. Meio dia eu fui almoça e de tarde eu
06 fui assisti um filme com meu irmão e depois nos
07 fumos anda de cavalo. E quando eu cheguei em casa
08 eu e minha mãe fumos pra casa da minha tia Zeuma
09 e depois eu fui brinca com o meu primo. Di minha
10 mãe me chamou e eu fui mais ela pra casa.
11 quando cheguei em casa eu fui toma banho e depois
12 fui assisti o programa do Sinvio Santos. Depois eu
13 fui reza e pedi a bença o meu pai e minha mãe e
14 fui dormi.
15 D.P.S.

Pudemos constatar, nesse primeiro relato, que o aluno já apresenta certa organização ao narrar um fato ocorrido e vivenciado pessoalmente, pois apresenta com coerência a ordem cronológica na qual os acontecimentos se passaram. Constatamos alguns aspectos socioculturais de seu cotidiano, envolvendo hábitos e brincadeiras, como assistir à televisão, jogar bola e andar a cavalo, além de mostrar também alguns valores pessoais, relacionados à religiosidade e o respeito aos pais, pois o aluno conclui seu relato com a seguinte frase. “Depois eu fui reza e pedi a bença o meu pai e minha mãe e fui dormi”. Nesse trecho, constatamos essa importante relação entre pais e filhos, não muito comum hoje em dia, pois vivemos numa sociedade em que há uma grande inversão de valores e que esse tipo de tratamento respeitoso está cada vez mais raro.

Em relação aos conhecimentos linguísticos utilizados pelo aluno nesse primeiro relato escrito, verificamos que recorre a uma forte e constante marca que faz uso em suas produções

orais, as expressões “eu fui”, “e depois eu fui”, o infinitivo do verbo “reza” e a grafia da palavra “bença”. Ao ser estimulado a ler o seu relato escrito, ele mesmo percebeu que excessivamente recorreu às mesmas expressões, mas por não ter ainda conhecimentos linguísticos para fazer uso de elementos conectores, ignora a estranheza e segue com a leitura.

Num segundo momento, após as intervenções, apresentaremos mais uma produção desse mesmo aluno, e faremos uma comparação com a produção anterior, uma vez que esse aluno foi orientado bem como foram trabalhadas suas habilidades linguísticas, a partir de suas produções orais e escritas apresentadas anteriormente.

Análise 2

Segundo momento. Vejamos a produção:

TEXTO 2

Um dia especial

01 Domingo dia 09 de agosto de 2015 eu acordei
02 uma oito horas da manhã. Lembrei que era dia
03 dos Pais e fui da um abraço no meu Pai e deseja
04 um feliz dia dos Pais.
05 Depois fui ao banheiro estudei os dentes e
06 fui tomar café com meu pai, minha mãe e meus irmãos.
07 Em seguida eu fui assistir Televisão com o meu Pai.
08 Uma as 10 horas ele me Chamou Pra passia de moto,
09 foi um passeio muito bom. Meio dia voltamos Pra
10 Casa e fumos almoçar, logo depois fui anda de
11 bicicleta com o meu Primo Jadiso, atarde quase toda
12 e depois Voltei Pra Casa e fui tomar banho.
13 Quando foi anoite, eu jantei e depois fiquei
14 assistindo o programa do Sílvio Santos. Em seguida
15 rezei dei a benção os meus Pais e fui dormir. D.P.S.

Inicialmente, pudemos observar nessa produção que o aluno preserva a relação de respeito e valores com a família, pois, ao relatar, prioriza dizer que ao acordar vai logo abraçar o pai, antes mesmo de ir ao banheiro, por ocasião de ser o dia dos pais, além de se

reunirem para fazerem as refeições, costume infelizmente aos poucos esquecido em nossa sociedade. O aluno também atribuiu o significado dia dos pais, a “um dia especial”, motivo que o levou a escolher o título do seu relato. Ele também demonstra a sua satisfação em passear com o pai, como uma forma de mostrar que tem na figura paterna uma referência a ser seguida.

Em relação aos conhecimentos linguísticos mantidos e/ou adquiridos pelo aluno nessa produção, após termos feito as intervenções, como exposição dos relatos anteriores, reescrita coletiva e individual das produções, comparação entre esses relatos, antes e depois dos ajustes necessários, pudemos observar que ele começa a fazer uso de expressões como: “logo depois” e “em seguida”, substituindo as repetições de expressões como: “eu fui” e “depois eu fui”, mesmo que ainda as utilize com uma frequência menor, mesmo porque se faz necessário, pois como ressaltam Koche, Marinello e Boff (2012), quase sempre o relato é escrito na primeira pessoa do discurso, principalmente quando o narrador participa dos fatos que relata, sendo ele o personagem principal da história narrada, utilizando-se assim de verbos no passado do indicativo. Nesse sentido, ao fazer uso dessas expressões acompanhadas dos verbos no tempo mencionado, como “eu fui” “depois voltei” “eu jantei”, o aluno está mantendo as características próprias do relato pessoal, contando em primeira pessoa o que para ele é importante.

Além das características próprias do relato pessoal e detalhes da vida do aluno, contada de maneira espontânea, percebemos que ele começa atribuir à pontuação e a paragrafação em sua produção escrita, mesmo que ainda de forma equivocada em alguns casos. Comparando as duas produções desse aluno, percebemos que houve uma considerável evolução durante o processo interventivo.

Adiante, veremos as produções de outro aluno em dois momentos, a exemplo da análise anterior.

Análise 3:

Primeiro momento. Vejamos o texto:

TEXTO 3

Domingo 22 de março

01 Hoje domingo eu acordei fui escovar os dentes aí
02 depois fui tomar café aí depois fui fazer as coisas
03 depois fui brincar meio dia fui almoçar aí depois
04 fui andar de bicicleta aí depois cuidei minha sobrinha
05 depois fui brincar mais um pouco depois minha prima
06 foi pra minha casa e nos foi assistir tv aí aí
07 quando foi de noite fui tomar banho e depois fui jantar
08 aí depois fui pra casa de minha prima depois
09 minha irmã foi pra venda com mina prima e a
10 amiga dela aí depois eu fui com elas quando nois
11 voltamos minha prima foi pra casa dela aí depois
12 a miga da minha irmã dormiu lá em casa. Fim
13
14 J.V.S.
15

Nesse relato, percebemos que a aluna tem uma extensa rotina diária a ser cumprida, constam as tarefas domésticas como cuidar da casa e ajudar com a sobrinha, fato que revela um problema sociocultural dessa comunidade, onde meninas muito jovens engravidam e recorrem aos pais para ajudar no cuidado da criança. Percebemos que antes de quaisquer atividades de lazer, a aluna precisa fazer trabalhos que normalmente são realizados por adultos, pois é de costume da maioria das jovens dessa comunidade assumir essa responsabilidade muito precocemente.

Percebemos em seu relato, que, mesmo com tantas responsabilidades domésticas, a aluna demonstra ser uma jovem feliz, encontrando tempo para fazer atividades apropriadas para a sua idade, como: passear com as amigas, assistir à televisão e brincar, encontrando nesses momentos o real significado de ser criança.

Quanto às habilidades linguísticas da aluna, observamos o recorrente uso das expressões típicas da oralidade: “aí depois fui” e “ai, ai depois”. Ao pedirmos que fizesse a

leitura de seu relato, ela apresentou certa dificuldade, ao constatar a repetição dessas expressões. Percebemos também que essas expressões do tipo “ai ai” eram usadas no momento de elaboração cognitiva do texto oral que, consequentemente, permaneceu no escrito, confirmando, assim, que textos orais pressupõem os escritos e vice-versa (SCHNEUWLY, 2005). Além da falta de organização textual como pontuação e paragrafação, equívocos de concordâncias e grafia. No texto seguinte, faremos uma análise comparativa com esse texto acima, uma vez que é uma produção da mesma aluna, porém após as intervenções realizadas.

Análise 4

Segundo momento. Vejamos a produção:

TEXTO 4

Domingo 09 de agosto

No domingo, dia 09 de agosto foi o dia dos Pais eu me
acordei logo cedo e fui da a benção a meu Pai e dei um
abraço e um beijo e falei que amo muito ele.
Em seguida eu fui escovar os dentes e tomar café
com meus Pais e meus irmãos. Ai de Pais eu fui
fazer as coisas mais minha irmã, quando mais
acabou eu fui andar de bicicleta com a minha
amiga vanilly. Em seguida eu fui Pular corda e
amarelinha com ela.
Ai deu de noite, fui Pra casa tomar banho de Pais
Jantei e fui assistir o Fantão. Em seguida escovei os
dentes, rezei, Pedi a benção ao meu Pai a minha mãe
e dormi. Foi um dia muito bom. FIM.

J.V.S.

Nesse relato, a aluna já demonstra uma melhor organização relacionada à ordem cronológica dos acontecimentos. Apresenta também uma considerável importância aos valores socioculturais e religiosos, ao relatar que faz as refeições com os pais e irmãos, “reza”

e pede a “bênção aos pais”, costumes não muito comuns na sociedade atual. Também demonstra um profundo respeito e amor pelo pai, ao cumprimentá-lo pelo seu dia, abraçá-lo e beijá-lo antes de qualquer outra coisa a fazer. Pudemos perceber que ela continua com as mesmas atribuições domésticas, mas que não lhe tira a disposição e vontade de ser ainda criança, pois ressalta em seu relato as atividades de lazer que pratica, como: andar de bicicleta, pular corda e amarelinha.

Em relação às competências linguísticas mantidas e/ou adquiridas nessa produção, notamos que a aluna substitui as expressões “aí depois fui” e “aí, aí depois”, repetidas diversas vezes no texto anterior, pela expressão “em seguida”. Porém, sua evolução mais observada foi em relação à organização textual como paragrafação e pontuação, mesmo com alguns equívocos, pois dispensou o uso de outras expressões como “logo depois”, “após” para substituir as repetições diagnosticadas no texto anterior, priorizando a expressão “em seguida”. A aluna ainda apresenta dificuldades em relação a concordâncias e grafia, mas está em processo para adquirir essas competências que a ajudará a comunicar-se nas ocasiões que exijam tal formalidade, independente da modalidade linguística utilizada.

Após as análises dessas produções, pudemos observar as características próprias tanto da oralidade como da escrita, mas que se relacionam naturalmente durante o processo comunicativo. É importante também que consideremos todos os elementos envolvidos numa situação comunicativa, pois a linguagem é um instrumento muito valioso e que tem o poder de transformar a natureza bruta inerente ao sujeito, em competência linguística, para que dessa forma, fazendo uso dela possa garantir sua efetiva participação nos eventos comunicativos e inserção social.

Considerações finais

Com essa pesquisa, buscamos fazer um estudo das relações entre oralidade e escrita, focando principalmente o gênero relato pessoal. Durante todo o trabalho, buscamos mostrar que essas duas modalidades linguísticas coexistem, ora com características e objetivos próprios, ora com características e objetivos mútuos. Assim, como podemos observar a relação entre os gêneros orais e escritos dentro de um *continuum* tipológico (MARCUSCHI, 2003). Além disso, verificamos a relação de sustentação entre gêneros orais e escritos (SCHNEUWLY, 2005).

Em se tratando das questões que norteiam essa pesquisa, obtivemos algumas respostas:

Para a questão “Como se dá a relação oralidade e escrita no gênero relato pessoal?”, identificamos que a relação se dá por meio do já discutido *continuum* tipológico em que, encontramos várias expressões próprias da oralidade na escrita, mas que após uma reflexão interventiva, houve o uso de outras expressões mais voltadas à modalidade escrita no gênero relato pessoal escrito.

Com relação à questão “Qual a função social e pedagógica do gênero em tela?”, percebemos que o gênero relato pessoal nos proporcionou conhecer características pessoais do aluno, possibilitando-nos uma reflexão a respeito de aspectos socioculturais inerentes ao sujeito, assim como sua importância para o processo de aquisição da linguagem nas modalidades oral e escrita.

Em relação ao último questionamento, “Como as competências linguísticas dos sujeitos em questão influenciam no processo de comunicação e de sua inserção social?”, a competência adquirida durante as situações de construção e reconstrução de conceitos linguísticos, planejadas e executadas por meio da oralidade ou da escrita, garantem a esse sujeito sua efetiva participação nos eventos de comunicação, pois antes das ações interventivas percebemos claramente, através do comportamento linguístico, que havia uma maior dificuldade dos alunos para se comunicarem, mesmo em situações informais, porém após as ações da pesquisa, percebemos uma disposição maior dos alunos em produzir o gênero relato pessoal, bem como sua participação na aula, melhorando o processo de ensino/aprendizagem.

Por fim, as possibilidades apresentadas pelo uso adequado que se faz da linguagem nas diversas situações comunicativas permite ao sujeito exercer com autonomia seu efetivo papel de cidadão. Nesse sentido, a competência adquirida durante as situações de construção e reconstrução de conceitos linguísticos, planejadas e executadas por meio da oralidade ou da escrita, garantem a esse sujeito sua efetiva participação nos eventos de comunicação, sendo o gênero relato pessoal um importante mecanismo de trabalho do professor para alcançar sucesso no processo de ensino e aprendizagem, bem como o envolvimento e valorização do aluno.

Referências:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa/ Ensino de primeira à quarta série. Brasília, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português.** 8º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais:** evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. Disponível em <www.https://scholar.google.com.br/scholar?q=autores+da+pesquisa=qualitativa> acesso em: 15/ 08/ 2015.

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa:** oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2014, p. 29-39.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa:** oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2014, p. 13-18.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Disponível em <www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf.> acesso em: 15/ 08/ 2015.

KOCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria**. Estudo e produção de textos:** gêneros textuais do relatar, narrar e descrever. Petrópolis: Vozes, 2012.

KOCH, Ingedore Vilaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade**.** In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita:** atividade de retextualização, 4º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008

LIMA, Maria Sonaly Machado. O espaço da oralidade e da perfomance na educação infantil. In: CANANÉA, Fernando Abath. **Contextos:** saberes e práticas educacionais. João Pessoa: Imprell, 2015, PP. 153-165.

ROJO, Roxane. **As relações entre fala e escrita:** mitos e perspectivas. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

ANEXO:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Eu, PAI OU MÃE OU RESPONSÁVEL LEGAL tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo sobre A relação oralidade e escrita no gênero relato pessoal no 4º ano do ensino fundamental, recebi do Sr Paulo Luiz da Silva, do curso de Especialização em Alfabetização e Letramento, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina ao estudo sobre a relação oralidade e escrita no gênero relato pessoal.
- Que a importância deste estudo é entender como a linguagem oral está presente durante o processo de aquisição da linguagem escrita, apresentando, assim, uma mútua relação de dependência entre si, possibilitando as mais diversas práticas comunicativas.
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: um melhor desempenho do aluno no processo de ensino-aprendizagem por meio dos objetivos: analisar como se dá a relação oralidade/escrita no processo de produção, em sala de aula, do gênero relato pessoal; e mostrar que essas duas modalidades linguísticas coexistem, ora com características e objetivos próprios, ora com características e objetivos mútuos.
- Que esse estudo começará em março de 2015 e terminará em agosto do mesmo ano.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: (a) apresentação da proposta e objetivo do estudo para a turma; (b) relatos orais de situações do cotidiano; (c) oitiva de relatos orais; (d) escrita desses relatos; (e) socialização de relatos escritos; (f) análises e arrumações desses relatos.
- Que eu participarei das seguintes etapas: meu/minha filho(a) participará das seguintes etapas: (b); (d) e (e).
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: a participação de meu/minha filho(a) no estudo não trará nenhum incômodo a eles.
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: a participação no estudo não trará nenhum risco à saúde física ou mental de meu/minha filho(a).
- Que deverei contar com a seguinte assistência: terei todas as minhas dúvidas quanto à minha participação no estudo resolvidas, sendo responsável por isso, o Sr Paulo Luiz da Silva.
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: um melhor desempenho de meu/minha filho(a) no processo de ensino-aprendizagem
- Que, sempre que eu desejar, ser-me-ão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar que meu/minha filho(a) continue participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da participação de meu/minha filho(a) não permitirão a identificação deles, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa.
- Que eu serei indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa, podendo ser encaminhado para o curso de Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* de Arapiraca.

- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação de meu/minha filho(a) implicam, concordo em dele meu/minha filho(a) participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)
Domicílio: (rua, praça, conjunto):_____
Bloco:_____ Nº:_____ Complemento:_____
Bairro:_____ CEP_____-_____Cidade:_____
Telefone:_____ Ponto de referência:_____

Endereço d(os,as) responsáve(l,is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
Instituição: Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca
Endereço: Av. Manoel Severino Barbosa
Bloco: A Nº: s/n Complemento:
Bairro: Bom Sucesso CEP 57309-005Cidade: Arapiraca-AL
Telefones p/contato: (82) 8133-1093

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:
Prédio da Reitoria, sala do C.O.C. , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
Telefone: 3214-1041

Local, data.

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou resposável legal - Rubricar as demais folhas)	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)